

Este livro é dedicado a:

Toda a gente que podia piorar o dia de outra pessoa, mas tenta melhorá-lo.

Obrigado. É mais importante do que pensam.

Também ao Sugar, ao Spice e ao Smudge, o meu trio de gatos.

*Vocês são todos uns chatos do caraças, e eu adoro os vossos focinhos estúpidos
e peludos.*

CAPÍTULO 1

Soube da morte do meu tio Jake de forma extremamente inesperada, pelo programa matinal *Squawk Box* da CNBC.

Tinha a televisão ligada no *Squawk Box* por força do hábito; quando era jornalista de economia no *Chicago Tribune*, punha neste canal de manhã, em rotação com a Bloomberg e a Fox Business, enquanto eu e a minha mulher Jeanine nos preparávamos para as nossas respetivas jornadas. Hoje em dia, tenho menos necessidade disso (por norma, os professores substitutos não precisam de se manter a par do estado dos mercados asiáticos para tomar conta de um monte de alunos numa aula de inglês do sétimo ano), mas, afinal, parece que os velhos hábitos são mesmo difíceis de quebrar.

Foi assim que, enquanto preparava a minha torrada com manteiga de amendoim, ouvi o nome «Jake Baldwin» no *iPad* que tinha pousado na ilha da cozinha. Parei a meio do gesto de barrar a manteiga de amendoim, com a faca na mão, enquanto o coapresentador Andrew Ross Sorkin anunciava que o meu tio Jake, o solitário multimilionário dono da terceira maior cadeia de parques de estacionamento da América do Norte, tinha morrido de cancro do pâncreas aos sessenta e sete anos.

— Estás a ouvir isto? — perguntei à minha companhia de pequeno-almoço, que não era a minha mulher Jeanine, pois já não era minha mulher e já não vivia comigo. Ela estava agora de volta à sua cidade natal, Boston, a namorar com um corretor bolsista e, a acreditar na sua

conta do Instagram, a passar a maior parte do tempo bem iluminada em *spots* de férias invejáveis por todo o mundo. A minha companhia de pequeno-almoço era a *Hera*, uma gata laranja e branca que, depois de me ter retirado para a minha casa de infância devido ao divórcio e ao despedimento, emergiu dos arbustos do quintal e me informou, por miados, que passava a viver comigo. O pequeno-almoço da *Hera* era *Meow Mix*; estava a comer na ilha central e a ver o *Squawk Box* comigo, presumivelmente para decidir se Andrew Ross Sorkin era alguma presa a que pudesse dar patadas.

Eu não soubera que o meu tio Jake estava doente fosse do que fosse, muito menos de cancro do pâncreas, a doença que também tinha vitimado o multimilionário Steve Jobs. (O meu cérebro, em piloto automático jornalístico, começara a escrever o parágrafo de abertura do obituário do meu tio; já mencionei que os velhos hábitos são difíceis de quebrar?) Para ser justo, não era que o tio Jake se estivesse a esconder. Dava-se, sim, o caso de não ter entrado em contacto comigo, de todo, desde que eu tinha cinco anos. Jake e o meu pai tiveram um desentendimento no funeral da minha mãe. Lembro-me vagamente da gritaria, e, depois disso, era como se Jake simplesmente não existisse. O pai preferia as coisas assim, e Jake também deve ter preferido. De qualquer maneira, Jake não foi ao funeral do meu pai.

Quanto a mim, não pensei em Jake, de todo, até estar na faculdade e começar a escrever artigos relacionados com negócios para o *Daily Northwestern* e descobrir que metade dos parques de estacionamento de Evanston eram propriedade da BLP, uma empresa privada detida maioritariamente e controlada totalmente por Jake. Tentei marcar uma entrevista, pensando poder ter uma vantagem, mas a BLP não tinha departamento de relações públicas, nem sequer informações de contacto no *site*. Quando me casei, arranquei a morada de Jake ao meu pai e enviei um convite ao meu tio, sobretudo para ver o que acontecia. Jake não apareceu, mas mandou uma prenda: conchas para fruta e uma nota críptica. Depois disso, deixei de pensar nele. Jake quase não tinha presença nos meios de comunicação social e nunca aparecia nas notícias, daí que tenha sido bastante fácil.

Ora, a ausência de registos por parte de Jake estava a levar a CNBC à loucura. Fiquei a ver enquanto Sorkin e, presumivelmente, os seus argumentistas se atrapalhavam ao tentar dizer alguma coisa sobre um homem que era obviamente importante (os multimilionários são importantes para a CNBC, pelo menos), mas que ganhara os seus milhares de milhões da forma menos apelativa possível. Steve Jobs dera ao mundo o *Macintosh*, o *iPhone* e tecnologia de estilo de vida como o *tablet* em que eu estava a ver o *Squawk Box*. O tio Jack dera às pessoas um lugar onde estacionar o carro. A CNBC resolveu o problema pouco cativante ao trazer um jornalista da *Parking Magazine*, a revista comercial na Associação Nacional de Estacionamento (e, sim, ambas estas coisas são reais).

— Oh, buuu! — comentei quando o jornalista apareceu.

Atirei um canto da minha sanduíche de manteiga de amendoim ao *iPad*. Bateu no ecrã, deixando uma mancha pastosa, e aterrou à frente da *Hera*, que levantou o olhar para mim, confusa.

— É o estafermo do Peter Reese — justifiquei, a acenar para a cara de Peter obviamente a ser filmado por um portátil, enquanto explicava o impacto que a morte de Jake iria ter no mundo vital dos parques de estacionamento. — Ele é um jornalista terrível. Eu que o diga. Trabalhei com ele.

A *Hera*, pouco impressionada, comeu as migalhas da torrada de manteiga de amendoim.

De facto, eu tinha trabalhado com Reese no *Tribune*. E, de facto, ele era um jornalista terrível; lembro-me de um dos subeditores na secção de economia a imitar que o estrangulava depois de ele ter estragado uma história importante que outros jornalistas, incluindo eu, tiveram então de salvar. Eu e ele tínhamos sido despedidos do *Tribune* por volta da mesma altura. Eu agora estava irritado com ele porque, embora o seu novo posto na *Parking Magazine* fosse um passo atrás do *Trib* na sua reputação, ele ainda estava no jornalismo, sabe-se lá como, enquanto eu era um professor substituto no meu antigo agrupamento escolar. Havia razões para isso (o divórcio, estar sem cheta, o meu pai ter adoecido e eu ter voltado para cuidar dele enquanto lambia as minhas próprias feridas existenciais), mas isso não tornava isto menos irritante.

Ali estava o maldito Peter Reese no *Squawk Box*, a viver em Washington DC, enquanto eu comia a minha torrada, na casa onde cresci, mas que tecnicamente não era minha, com uma gata na qualidade de única amiga.

— Chega disto — declarei, interrompendo Reese enquanto explicava que, como a BLP era uma empresa privada, o falecimento do proprietário não deveria ter um efeito significativo nos preços das ações de outras empresas de estacionamento cotadas em bolsa. Algo que provavelmente não era verdade, mas sobre o qual ninguém, incluindo Reese e Sorkin, se preocupava o suficiente para aprofundar, e estavam prestes a passar para os anúncios, de qualquer das maneiras. Aquilo era o legado público de um multimilionário e o trabalho de toda uma vida: dois minutos de reportagem insignificante e, depois, um anúncio a medicamentos para problemas gástricos.

Foi nesse momento que o meu telemóvel tocou, uma ocorrência incomum na era das mensagens. Olhei para ver de quem se tratava: Andrew Baxter, um velho amigo do meu pai, advogado e executor do seu património, que consistia quase inteiramente na casa em que eu vivia. Soltei um resmungo. O que quer que Andy quisesse de mim, ainda não eram horas para isso. Deixei a chamada ir para o *voice mail* e terminei a minha torrada.

— Como é que estou? — perguntei à *Hera*.

Não estava vestido com a farda habitual de professor substituto, que consistia em camisa, colete e calças caqui da *Dockers*; em vez disso, estava no meu melhor fato, que era também o meu único fato, aquele que usei tanto no meu casamento como no funeral do meu pai, e em mais altura nenhuma entre esses dois eventos. Na verdade, era apenas a maior parte de um fato, porque parecia que tinha perdido os sapatos na mudança para a casa do meu pai. Eu estava a usar as *Skechers* pretas que usara no funeral do meu pai. Ninguém reparou nelas então, e eu esperava que ninguém reparasse nelas hoje.

— E tu? Davas-me um montão de dinheiro se me viesses vestido assim?

A *Hera* soltou um pequeno gorjeio e piscou os olhos lentamente, indicando a sua aprovação. Bem, claro que aprovava. Fora ela a escolher a

minha gravata, a verde, basicamente ao deitar-se sobre a vermelha depois de eu a ter pousado na cama com a verde para escolher entre elas.

— Obrigado — apontei à minha gata. — Como sempre, a tua aprovação é o mais importante.

A *Hera*, satisfeita, voltou ao seu *Meow Mix*.

Olhei para o relógio; a minha marcação era vinte minutos no futuro. Dali a vinte minutos, eu saberia como seria a minha vida nos anos que se seguiriam. Ao contrário do meu tio Jake, não seriam precisos milhares de milhões de dólares para eu cumprir qualquer um dos meus objetivos de vida.

Uns meros milhões serviriam.

Belinda Darroll olhou para o computador.

— Então, senhor Fitzer, quer um empréstimo para negócios de... três vírgula quatro milhões de dólares.

— É isso mesmo — confirmei.

Eu estava sentado no gabinete de Darroll, no edifício do Barrington First National Savings and Loan, recentemente remodelado após a sua compra pela CerTrust, uma empresa financeira cuja cena era comprar bancos regionais e manter as marcas antigas, para que toda a gente na cidade achasse que ainda estava a lidar com um negócio local e não com um gigante financeiro sem rosto. O edifício cheirava a tinta fresca e a ésteres da alcatifa resistente a alto tráfego recentemente instalada.

Eu chegara ligeiramente adiantado à marcação; Darrol apresentara-se ao entrar. Disse-me que eu lhe parecia familiar e chegámos à conclusão de que ela tinha entrado na Secundária de Barrington no meu último ano lá. Lembrava-se de que eu me metera em sarilhos, enquanto editor do jornal da escola, por ter publicado uma história sobre o Sr. Kincaid, um professor de álgebra, ser o maior fornecedor de metanfetaminas no *campus*. Apanhei uma suspensão por não ter mostrado a história aos consultores do corpo docente antes de a publicar; o Sr. Kincaid apanhou seis anos no Centro Correcional de Big Muddy River, por posse e distribuição. Acho que me safei melhor.

Darroll perguntou-me se ainda escrevia. Disse-lhe que estava a trabalhar num romance. É a mentira do costume.

— Quer o empréstimo para um negócio que vai ter aqui em Barrington — prosseguiu Darroll.

— Sim. Quero comprar o McDougal's Pub.

— Ah! — Darroll fez deslizar os olhos do computador para mim. — Adoro o McDougal's.

Acenei com a cabeça.

— Toda a gente adora.

O McDougal's era uma constante em Barrington há décadas, localizado num canto invejável da Baixa, enquanto outros restaurantes e bares foram surgindo e desaparecendo à sua volta. Afinal, parecia que cerveja e pratos a transbordar de batatas fritas nunca passam de moda nos subúrbios de Chicago.

— Foi lá que tomei a minha primeira bebida — contou Darroll. — Bem, a minha primeira bebida legal — corrigiu.

Voltei a acenar com a cabeça.

— Você e toda a gente — acrescentei.

— Sabe porque é que o estão a vender?

— O declínio económico afetou os estabelecimentos. Além disso, o Brennan McDougal quer reformar-se e nenhum dos filhos quer ficar com o negócio — expliquei. — É o que acontece quando os miúdos vão todos para a faculdade. Depois não querem ficar a gerir um bar.

— Você não tirou um curso? — questionou Darroll.

— Tirei, mas, ao contrário dos filhos do McDougal, que estudaram medicina e gestão, eu estudei jornalismo.

Darroll assentiu.

— Isso serve. — Olhou para a informação no ecrã. — Então você ficaria encarregado pelo bar...

— Pelo bar, pelo restaurante ao lado e pelo edifício onde ficam ambos. O Brennan McDougal está a vender tudo. Já está tudo a funcionar. Basta-me aparecer lá.

— Tem experiência de gestão de um bar? Ou de um restaurante?

— Não — admiti. — Mas o McDougal's já tem pessoal e gerentes.

Com isto, Darroll franziu o sobrolho.

— Este setor é sempre um risco. Os restaurantes vão à falência a toda a hora. Até os que têm gerentes e pessoal com bastante experiência. E esta altura é ainda mais instável para estes estabelecimentos.

— Claro — reconheci. — Mas você mesma o disse: a sua primeira bebida legal foi no McDougal's. É uma instituição de Barrington. As pessoas de cá querem que esteja cá. Eu quero que esteja cá para elas. Não estou a dizer que não é um risco. Quando fui jornalista do *Trib*, passei um ou dois anos na cena dos negócios locais. Sei como são as coisas para os restaurantes. Mas o McDougal's é o mais próximo que há da certeza. Bolas, nem sequer vou mudar o nome.

Darroll teclou no computador e, então, calou-se por um momento, a ler o que aparecia no monitor.

— A listagem no Zillow tem o edifício à venda por três vírgula quatro milhões — recitou ela. — Está a pedir o valor total do negócio.

— Estou.

— Não vai entrar com nenhuma percentagem de capitais próprios?

— Gostaria de ter uma margem — respondi — para imprevistos. Há sempre alguma coisa que surge à última hora, algo que o vendedor não revelou e que escapou à inspeção.

Darrol franziu os lábios ao ouvir aquilo, mas não disse nada. Eu tinha uma ideia do que tal significava; agora, ela estava a pensar que podia haver alguma treta da minha parte. Clicou noutra janela.

— Tem a sua casa como garantia hipotecária.

Acenei com a cabeça.

— Sim, South Cook Street, número 504. Era a casa dos meus pais. Vivo lá agora. A hipoteca costumava ser do Barrington First National, há muito tempo. Antes de o meu pai a pagar. — Não mencionei que o meu pai acabou de pagar a casa com o seguro de vida da minha mãe após o acidente de carro. Aquilo não era o *America's Got Talent*; eu não queria partilhar uma história triste. — Uma vez que já tem o Zillow aberto, pode ver que o valor estimado atual é de cerca de oitocentos mil.

Darrol teclou mais um bocado.

— Vejo que a casa é atualmente administrada por um fundo.

Porra, pensei. Não foi no Zillow que ela encontrou essa informação.

— Um fundo de família, sim — confirmei.

— E é você quem administra o fundo?
— Eu sou um dos beneficiários.
— Um dos beneficiários.
— Os meus irmãos mais velhos também.
— Compreendo. Quantos irmãos tem?
— Três.
— E eles já concordaram em permitir que a casa seja usada como garantia?
— Já falámos sobre isso e eles pareciam inclinados para o «sim» — menti.

Darroll apercebeu-se da longa explicação para algo que devia ter sido respondido com um «sim», o que não resultou a meu favor.

— Vou precisar de documentação disso pelo administrador da propriedade, autenticada e, de preferência, com assinaturas dos seus irmãos — informou. — Acha que consegue trazer-me tudo nos próximos dias?
— Vou tratar disso.

Darroll reparou na resposta não muito afirmativa.

— Haverá algum problema em arranjar as declarações?
— A minha irmã Sarah está de férias — afirmei, e, quem sabe, talvez fosse mesmo verdade. Sarah adorava as suas férias. — Uma das ilhas mais pequenas do Havai. Um *resort* que leva os telemóveis quando se chega.

— Na verdade, isso parece-me ótimo — comentou Darroll. — Mas complica-lhe as coisas neste momento. — Pousou as mãos na secretária de uma forma bastante resoluta, que achei não ser bom sinal para mim. — Senhor Fitzer, vou ser honesta consigo. O Barrington First National tem um novo proprietário...

— A CerTrust — completei. — Eu costumava cobri-los no jornal.
— O que era verdade. Não fiquei com uma opinião particularmente boa sobre eles. A CerTrust não chegava ao nível das manhosices financeiras da Wells Fargo, mas não era por não tentar.

Darroll concordou e continuou.

— As políticas de empréstimo na CerTrust são mais rígidas do que as praticadas antes da aquisição. Queremos encorajar negócios locais, mas também temos de seguir mais os fundamentos. Está a pedir-nos que aproveemos um empréstimo de vários milhões de dólares sem que

você entre com uma percentagem do montante com capitais próprios, apoiado por um ativo do qual não é o único proprietário.

— Então está a dizer que a resposta é «não» — assumi.

— Não é um «não». Estou a dizer que é complicado. Não posso aprovar um empréstimo desta proporção sozinha. Tenho de o apresentar ao nosso comité de empréstimos, que se reúne às quintas. Se me conseguir entregar o documento do seu administrador nos próximos dias, isso ajudará. Ainda assim, será complicado. E depois disso, se o nosso comité de empréstimos aprovar, terá de passar por outro nível de aprovação na CerTrust.

— Eles não confiam no vosso discernimento aqui?

Darroll sorriu discretamente.

— Eu diria que têm critérios diferentes de apreciação.

— Então não é um «não», mas é provável que seja, e vai demorar uma semana até que o seja.

Darroll abriu as mãos, apologetica.

— Vai ser complicado — repetiu. — Devo-lhe essa honestidade.

— Bem — volvi —, não a posso culpar por ser honesta.

— Sei que não é o que queria ouvir. Há alguém que consiga trazer como sócio?

— Quer dizer, alguém que não esteja na mesma situação financeira que eu? — Bufei perante esta hipótese. — A maioria das pessoas que conheço são ex-jornalistas como eu. Ou trabalham como empregados de bar ou como professores substitutos.

— Qual é o seu caso?

— Para já, o segundo. Esperava ser promovido ao primeiro.

— E os seus irmãos, ou outro membro da família? Talvez um deles o ajude.

— Acho que os meus irmãos considerariam que dar a casa como garantia já é envolvimento suficiente — atirei, da forma mais eufemística que consegui. — Tenho um tio. O Jake. Ele é rico.

— Um tio rico não é nada mau — comentou Darroll. — Talvez ele esteja à procura de uma oportunidade de investimento.

— É uma boa ideia. Infelizmente, acabou de falecer.

— Oh, não — soltou Darroll. — Lamento imenso.

— Obrigado.

— Você está bem?

— Estou — respondi. — Não éramos próximos. Ele tem estado ausente da minha vida desde a morte da minha mãe, era eu ainda pequeno.

— Não quero ser indelicada, mas... mas sabe se ele lhe deixou alguma coisa?

— Seria... surpreendente — admiti, com outro eufemismo.

— Lamento — repetiu Darroll. — É pena que não tenha conseguido indagar se ele estaria interessado antes de partir.

— Teria sido um momento embaraçoso — realcei. — Quero dizer, como é que isso ia parecer, eu a chegar e a dizer «olá, tio Jake, lamento que não o tenha visto pessoalmente em quase trinta anos, ah, e, já agora, pode ser meu fiador num empréstimo de três milhões de dólares?».

— Nunca se sabe.

Abanei a cabeça.

— Tenho quase a certeza de que sei. Seja como for, não tenho muito carinho por ele. A última vez que tive uma espécie de contacto com ele foi no dia do meu casamento. Mandou um par de conchas para a fruta e um bilhete a dizer «três anos, seis meses».

Darroll franziu o sobrolho.

— O que é que isso queria dizer?

— Na altura, eu não sabia. Percebi-o três anos e meio depois, quando a minha mulher pediu o divórcio.

— Cum caraças — soltou Darroll, e depois tapou a boca com a mão.

— Desculpe.

— Não tem mal. Essa foi basicamente a minha reação. Pois... As boas notícias são que fiquei com as conchas para fruta depois da separação.

Levantei-me.

Darroll levantou-se também.

— Vai conseguir trazer-me aquela carta do seu administrador — encorajou ela.

— Vou tratar disso — menti-lhe uma última vez.

— Boa sorte com o seu romance — rematou enquanto eu saía do seu gabinete.

Estou certo de que ela não tinha a intenção de me lançar um último golpe nos rins. Ainda assim, senti a faca a espetar-se.

CAPÍTULO 2

Fui a pé do banco até casa porque não ficava longe e estava um dia agradável. Além disso, era discutível se o *Nissan Maxima 2003* do meu pai teria aguentado o meio quilómetro da minha garagem ao parque de estacionamento do banco. Foi a caminho de casa, mal entrei na Cook Street, que o meu telemóvel tocou.

Resmunguei e atendi a chamada.

— Não vou vender a casa — declarei a Andy Baxter.

Era o que ele queria de mim, enquanto executor do património do meu pai, há já mais de um ano.

— Olá para ti também, Charlie — saudou Andy. — Eu sei que não vais vender a casa. Tu não *podes* vender a casa. Apenas eu posso vender a casa. O que podes fazer é dizer-me que finalmente *concordas* com a venda da casa, como todos os teus irmãos já fizeram.

— Não o vou fazer.

— E porque não?

— Para começar, vivo lá.

— Eu sei que vives — interveio Andy. — Sem pagar renda, já agora.

— De acordo com a vontade do meu pai, expressa no testamento, como inquilino, desde que pague as contas e os impostos sobre a propriedade. Algo que tu *sabes*, porque o ajudaste a fazer essa alteração ao testamento.

— Já que falas nisso, deves saber que ele o fez para te ajudar a recuperar depois do divórcio e do despedimento. A intenção dele não era que te tornasses num ocupa.

— Ele fê-lo porque já estava doente e sabia que, se não o fizesse, os meus queridos irmãos usariam a sua maioria de três para um no fundo para me mandarem embora assim que possível. — Evitei a parte na qual tinha de admitir que, ao fim de um período provavelmente demasiado extenso, estava longe de ter recuperado.

— Isso não afeta o que eu quis dizer — argumentou Andy.

— De qualquer maneira, não sou um ocupa — atirei. Parei na esquina da Cook com a Lincoln para me assegurar de que a conversazinha ao telemóvel não me tinha levado a passar despreocupadamente à frente de um veículo de entregas da Amazon ou de uma matrona de Barrington a regressar do pilates, por mais tentador que isso parecesse no momento. — Estou a pagar as contas e os impostos. É esse o acordo.

— Atrasaste-te nos impostos da propriedade este ano — realçou Andy. — E atrasaste-te nas contas. Várias vezes.

Bem, Andy não estava errado quanto a isso. Mais uma vez, eu estava profundamente irritado com o facto de todas as contas e impostos da casa estarem em nome do fundo, pelo que Andy e, por extensão, os meus irmãos sabiam quando é que eu conseguia pagá-las e quando é que me atrasava.

— São pagas na mesma.

— Sim, a certa altura são pagas — concordou Andy. — Mas não posso deixar de reparar que os atrasos têm sido cada vez maiores, Charlie.

— Ser professor substituto não é o empreendimento lucrativo que parece pensar que é, Andy — argumentei.

Não havia carrinhas nem carros familiares a chegar para acabarem com o meu sofrimento, por isso saí do passeio e continuei a minha caminhada.

— Podias tentar arranjar outro trabalho de escrita.

Sorri com desprezo ao ouvir aquilo, por mais que Andy não o conseguisse ver.

— Pois, mas posso dizer-te que o *Trib* e o *Sun-Times* não andam propriamente a contratar hoje em dia. As pessoas que lá estão agarram-se aos seus empregos como lapas.

— Então passa para o lado negro — sugeriu Baxter. — Trabalha para uma empresa. Chicago tem um monte delas. Precisam de muitos

agentes publicitários. Ou para uma revista especializada. Deves conhecer algumas pessoas que seguiram esse caminho.

— Uma ou duas. — Lembrei-me do maldito Peter Reese no *Squawk Box* nessa manhã e tentei não ranger os dentes à conta disso.

— Pronto, aí tens.

— Vou pensar nisso — atirei. A verdade era que não ia apenas pensar naquilo. Eu andava a vasculhar os *sites* de empregos, à procura de trabalhos de escrita em Chicago e nos subúrbios. Ser professor substituto não era propriamente a minha vocação. Era um emprego que me dava algum dinheiro enquanto cuidava do meu pai, quando ele ficou doente. Depois da sua morte, e de eu já não precisar de estar por perto para tomar conta dele, tentei arranjar um emprego qualquer que me deixasse usar as minhas competências de escrita.

O problema era que o jornalismo estava por um fio (até as revistas especializadas) e os outros empregos que envolviam a escrita estavam maioritariamente divididos em três categorias: empregos para os quais me diziam que tinha qualificações a mais, empregos para os quais me diziam que não tinha as competências necessárias e empregos que pagavam onze dólares à hora a escrever publicações das redes sociais para aspirantes a *influencers* e/ou modelos do OnlyFans.

Bem, a verdade é que não fui demasiado orgulhoso para aceitar esta última. Mas, com trinta e dois anos, é possível que seja demasiado velho para estes trabalhos, um facto que quase me inundou de terror existencial. Não estou a dizer que comecei a olhar para o McDougal's Pub como uma opção de carreira viável porque senti o dedo gelado da morte com a ideia de que já não tinha idade para escrever disparates animados em nome de jovens de dezanove anos que fingem entusiasmo por um produto para a pele que lhes foi enviado de graça. Mas também não estou a dizer que *não* foi por isso.

— *Devias* pensar nisso — insistiu Andy. — Ultimamente, tens passado muito tempo em ponto-morto.

— Não és meu pai, Andy — retorqui.

— Sei que não sou teu pai, Charlie. Também sei que o teu pai te diria o que acabei de dizer.

Ele até tinha razão, algo que não queria admitir. Portanto, eu disse:

— Olha, Andy. Não é que eu não esteja à procura de coisas melhores. Na verdade, *ainda* tenho ambições.

— Como aquele bar.

Isto fez-me parar no passeio.

— Como é que sabes?

Andy suspirou.

— Vá lá, Charlie. Somos amigos no Facebook, lembras-te? Vi que publicaste uma fotografia do bar com os dizeres «grandes planos».

Fechei os olhos. *Maldito Facebook*, pensei.

— Esqueci-me de que era teu amigo lá.

— Bem, eu não publico grande coisa, é fácil esquecer — comentou Andy. — Talvez seja a minha natureza cautelosa. Vi quanto estão a pedir pelo bar. Diria que é mais do que tu consegues pagar com o teu trabalho esporádico como professor substituto.

— Já fui informado disso. — Recomecei a andar.

— As boas notícias são que sei onde talvez consigas arranjar esse capital inicial.

— Se concordasse em vender a casa.

— Sim, seria isso.

— Não é suficiente — realcei. — Mesmo que vendêssemos ao valor de mercado, seria dividido por quatro. Eu, a Sarah, o Bobby e o Todd.

— Podias convencê-los a juntar-se a ti.

Bufei perante tal ideia.

— Pois, tens razão — admitiu Baxter ao ouvir o bufo. — Devo dizer que não percebo porque é que vocês não se entendem.

— *Eles* entendem-se muito bem — apontei.

— Talvez seja uma coisa geracional.

— Talvez.

Os meus irmãos, a Sarah, o Bobby e o Todd, eram, na verdade, meus meios-irmãos. Eu tinha uma mãe diferente dos meus irmãos, mais nova, com quem o meu pai se casou depois de um divórcio pouco amigável cujos detalhes nunca me foram explicados e no qual, admito, nunca quis meter o nariz. O mais novo dos meus irmãos, o Todd, já tinha passado a adolescência quando eu nasci, por isso a diferença de idades seria sempre difícil de ultrapassar.

O fosso era ainda maior pelo facto de nenhum deles ter vivido comigo enquanto crescia. Os três filhos mais velhos tinham vivido com a mãe em Schaumburg. Fora das festividades e das ocasionais — e crescentemente forçadas — férias em família, os irmãos mais velhos eram o seu próprio grupo e eu ficava sempre de fora.

Não tinha mal. Na maior parte do tempo, não me importava de ser filho único com três irmãos. Mas naquele momento, com eles a quere-rem expulsar-me da minha casa, já me chateava um bocado.

— Independentemente disso, o vosso pai deu a cada um de vocês uma parte igual dos seus bens — recordou Andy. — Só que a maior parte do valor está naquela casa.

— Eles não estão propriamente carenciados, Andy — argumentei. Os meus irmãos tinham uma variedade de profissões sofisticadas, ocupando confortavelmente o um por cento superior da população. — Precisam menos do dinheiro da casa do que eu preciso de um lugar onde viver.

— Não discordo, Charlie, mas a questão não é essa. O vosso pai não dividiu a propriedade em quatro partes iguais porque todos vocês têm a mesma necessidade. Ele fê-lo porque queria mostrar que todos tinham o mesmo do coração dele. Tu estares naquela casa está a impedi-los de aceder a essa representação do afeto dele. Estás a lembrá-los de que, de muitas formas, eras o filho favorito.

Voltei a parar, na esquina da Cook com a Russell, a uma rua e algumas casas de distância da casa em questão, para processar o que ele tinha acabado de me dizer.

— Então estás a dizer que eu devia ficar sem casa para que um trio de pessoas de meia-idade financeiramente seguras possam resolver os seus problemas psicológicos com o pai.

— Não o diria dessa forma. Mas também não está errado.

— A terapia seria mais barata.

— Não ias ficar sem casa, de qualquer maneira. Umas centenas de milhares de dólares pagam muita renda. E dar-te-ia tempo para recompor a tua vida, desta vez a sério.

— Devo dizer que a tua preocupação com o meu futuro parece menos sincera do que antes, Andy.

— Lamento que assim te pareça, Charlie. Na verdade, não é insincera.

Estava prestes a responder àquilo quando um pequeno mas insistente miado surgiu da sebe da casa amarela, na esquina da Cook com a Russell.

— Dá-me só um minuto, Andy — pedi. Guardei o telemóvel no bolso das calças, ainda com a chamada ligada, e espreitei para a sebe.

O tufo vegetal voltou a miar.

— Anda cá — chamei.

Como se me compreendesse, um gatinho laranja e branco emergiu de lá, levantou o olhar para mim, e miou de forma muito insistente e, até se poderia dizer, exigente.

Aquilo pareceu-me familiar. Um gato laranja e branco a sair dos arbustos e a miar de forma exigente foi como eu conheci a *Hera*. E tinha funcionado bem para ela.

— *Déjà* gato — apontei ao novo gatinho e baixei-me para ele.

O gatito entrou na palma da minha mão e, de imediato, trepou pelo braço do meu fato para tentar empoleirar-se no ombro. Ajeitei-me para que não caísse e fiz-lhe festas na cabeça, levando-o a ronronar tão alto como um motor a jato.

— Alô? — chamou Baxter, das minhas calças.

Segurei no gatinho e voltei a pegar no telemóvel.

— Desculpa. Fui encontrado por um gatinho.

— Outro?

Quando o pai era vivo, Andy fora lá a casa algumas vezes para visitar o seu amigo, o meu pai. Ele já ouvira a história de como a *Hera* viera viver connosco.

— Até parece que acontece todos os dias — volvi.

— E não acontece?

— Não *todos os dias*.

— Este também é cor de laranja e branco?

— De facto, é.

— Algures, nas tuas vizinhanças, há um gato laranja e branco muito ocupado.

— Deves ter razão — concordei. — Ouve, Andy, vou indo. Tenho de ver se alguém perdeu um gatinho.

— Os teus irmãos vão querer saber o que disseste sobre a venda da casa.

— Podes dizer-lhes que vou pensar nisso.

— Está bem. E vais *mesmo* pensar nisso?

— Claro.

— Não foi um «claro» muito convincente, Charlie.

Aquela fez-me sorrir.

— Adeus, Andy — cortei, e desliguei a chamada. — Não vou pensar nisso, *de todo* — contei ao bichano. Este, a ronronar de satisfação, não pareceu importar-se.

Não podia simplesmente fugir com o gatinho; roubar gatinhos é moralmente, e por certo legalmente, errado. Não sou um monstro, ou, pelo menos, esse tipo de monstro.

Andei a ver se alguém tinha perdido um gatinho, a começar pelos donos da casa com a sebe. As pessoas lá dentro informaram-me não só de que o gatinho não era deles, como também de que o dono da casa era terrivelmente alérgico a gatos. Tentei a vivenda ao lado da amarela, na esquina, e depois as duas casas do outro lado da Cook Street. Em duas, não houve resposta, o que não é invulgar numa manhã de dia de semana, e na terceira houve um não.

— Bem, já chega — assumi para mim mesmo.

Quando a *Hera* apareceu, eu também suspeitei que pudesse ser a gata de alguém, pelo que a fotografei com o telemóvel, fiz um folheto «Gata Encontrada» e coleí cópias nos postes telefónicos ao longo da rua. Ao fim de uma semana sem respostas, a gata era nossa. Eu estava quase certo de que o mesmo ia acontecer com esta bolinha de pelo.

— E se fôssemos conhecer a tua irmã? — perguntei à bola de pelo. A bola de pelo parecia contente com a ideia.

Eu não precisava de outro gato. Nessa altura, na minha brilhante carreira de educador itinerante, mal tinha dinheiro para me alimentar. Mas a verdade é que ninguém precisa de um gato hoje em dia. Não é por isso que temos gatos. Temos gatos porque nos divertem e porque, de outra forma, faltaria às nossas roupas aquela textura que só o pelo de gato pode criar.

Além disso, quando um gatinho se aproxima de ti e faz exigências, o que vais tu fazer? Dizer que não? Repito: não sou um monstro.

A casa que Andy Baxter estava a tentar convencer-me a deixar e vender (o meu lar) ficava a poucas vivendas de distância assim que atravessasse a rua. Era azul-pastel, ao estilo Cape Cod, com dois andares e um alpendre na frente. Não era nem grande nem pequena para a vizinhança, e não tinha nada de particularmente notável na sua construção ou arquitetura. Um agente imobiliário poderia chamar-lhe «acolhedora» ou «uma ótima casa para começar», dependendo dos rendimentos e ambição das pessoas a quem a mostrava.

Para mim, era apenas o meu lar. A casa para onde vim quando nasci, a casa na qual vivi toda a minha infância, onde eu e o pai nos desenrascámos depois da morte da mãe, onde voltei para as festividades enquanto andava na faculdade na terra distante de Evanston.

Houve alguns anos em que *não* vivi lá, os anos em que estive casado e a construir uma carreira enquanto jornalista. Mas depois vieram os anos dos despedimentos, do divórcio e da doença do pai. Por isso, voltei para a pequena casa ao estilo Cape Cod da Cook Street.

E ali estava eu, sozinho, a não ser por uma gata. Talvez dois gatos.

Ao aproximar-me da minha casa, reparei num carro na rua, mesmo à frente: um *Mercedes Classe S* preto. A sua distância entre eixos era ligeiramente esticada, da forma que mostrava que o dono do carro não o conduzia; tinha gente para isso. Eu conhecia aquele tipo de carro dos meus dias de jornalista na secção de economia. Era um táxi de CEO. Um símbolo de ostentação.

Perguntei com os meus botões a quem poderia pertencer e porque é que, de todos os lugares em Barrington onde podia ter estacionado, achou que em frente à minha casa fazia mais sentido. Não assumi que estivesse ali para me ver. A classe executiva da região metropolitana de Chicago não andava propriamente a arrombar-me a porta para me convencer a escrever o seu livro de memórias. Tentei espreitar para a traseira do *Mercedes* ao passar, mas as janelas estavam tapadas pelos estores. No meio jornalístico, chamávamos-lhes «bloqueadores de camponios» e tínhamos uma inveja imensa deles.

Mas, afinal, o carro *estava* em frente à minha casa por uma razão. No meu alpendre, sentada no baloiço em que o meu pai passara muitas noites de verão, especialmente no fim, estava uma mulher. Tinha mais ou menos a minha idade e, mesmo à distância da pequena passagem até ao meu alpendre, podia ver-se que estava vestida de uma forma elegante e profissional que indicava que não passava o seu tempo junto a, digamos, um *Nissan Maxima 2003* quase avariado. Com o pé, fazia balançar levemente o baloiço. Estava sentada nele como se lhe pertencesse, tal como a casa e, possivelmente, grande parte da rua.

— Sinta-se à vontade — disse-lhe ao aproximar-me do alpendre.

— Obrigada. Assim fiz — respondeu, e acenou com a cabeça para o gatinho. — Um acessório interessante. Usa sempre um desses?

Fiz festas ao gatinho, que agora simultaneamente dormitava e ronronava no meu ombro.

— São muito confortáveis. Acho que toda a gente os vai usar no futuro. A mulher olhou para mim com um esgar.

— É uma referência a um filme, *A Princesa Prometida* — expliquei.

— Não, não. Eu percebi — assegurou-me a mulher.

— Não querendo ser rude, mas quem é você, e porque está no meu alpendre?

— Chamo-me Mathilda Morrison. Estou no seu alpendre porque, antes deste momento, você não estava aqui e, neste momento, ainda não me convidou a entrar.

— Estou a ver. E porque é que a convidaria a entrar?

— Porque tenho de lhe contar uma coisa e depois preciso de lhe perguntar uma coisa.

— E não pode fazer nenhuma dessas coisas no alpendre?

— Podia, mas acho que vai querer sentar-se para as ouvir, e não o conheço bem o suficiente para o convidar a sentar-se neste baloiço comigo.

— O baloiço é meu — realcei.

— Tecnicamente, pertence à propriedade do seu pai — esclareceu Morrison, e então reparou na minha expressão. — Ah, um ponto sensível.

— Só um bocadinho — admiti.

— Peço desculpa. Não estou aqui para o irritar.

- Então, *porque* está aqui?
- Estou aqui para tratar de assuntos do seu tio.
- Não, não está.
- Bem, você certamente parece certo quanto a *isso* — comentou Morrison.
- Só tenho um tio, e o tio Jake já morreu.
- Ah. Então já recebeu a notícia.
- Sim, tenho acesso à CNBC.
- Achei o segmento deles decepcionante — apontou Morrison. — Quem quer que fosse aquele jornalista a falar sobre ele, devia ser atirado de uma janela. Só dizia absolutos disparates.
- Não consegui conter um sorriso.
- Exatamente! — concordei.
- E, sim, o seu tio morreu. Os meus pêsames.
- Obrigado. Mas, se conhece o meu tio, saberá que não éramos próximos.
- Sim, de facto sei disso. Caso signifique alguma coisa para si, Charlie, saiba que era algo que pesava sobre ele.
- Vou ter de acreditar na sua palavra — assumi.
- Na verdade, posso prová-lo — assegurou Morrison.
- Se me vai dizer que ele me deixou exatamente três vírgula quatro milhões de dólares, não vou mentir, porque seria fantástico.
- Morrison inclinou a cabeça.
- É um número muito específico.
- Tenho um objetivo muito específico para lhes dar.
- Ele não lhe deixou exatamente três vírgula quatro milhões — explicou Morrison. — Mas deixou-lhe uma coisa.
- O quê?
- Algo de que vai gostar — prometeu Morrison. — E também tem um pedido.
- Há condições — afirmei.
- Há condições em tudo, Charlie. Mas estas condições em particular não são muito estritas. — Do baloiço, Morrison acenou indolentemente com a mão. — Quer falar sobre isso aqui no alpendre, com um gatinho ao ombro? Ou é melhor entrarmos?

CAPÍTULO 3

Lá dentro, havia uma gata laranja e branca à minha espera. Miou quando entrei pela porta.

— Olá, *Hera* — saudei. Tirei o gatinho do meu ombro e pu-lo ao nível dos olhos da *Hera*. — Trouxe-te uma coisa. — Pousei o gatinho à frente dela e esperei.

Se a *Hera* ficou surpreendida ou irritada com a súbita intrusão de um gatinho, não deu qualquer sinal. Em vez disso, analisou-o por um momento enquanto este lhe miava. Depois começou a lambê-lo, ambos a ronronar enquanto o fazia. Paz alcançada. Fui à cozinha buscar comida para os dois.

— Foi pelas deusas — comentou Morrison, ao fechar a porta atrás de si.

— Como assim? — questionei.

— Quando as pessoas dão nomes a gatos, normalmente vão para uma de três categorias: comida, características físicas ou mitologia — explicou Morrison. — Por isso, dá-se ao gato o nome *Bolinho*, *Manchas* ou *Zeus*. Você foi pela mitologia.

— E as pessoas que dão aos gatos nomes de personagens de livros de fantasia? — Peguei na taça de comida da *Hera* que estava no tapete e arranjei uma mais pequena para o gatinho. — *Gandalf*. *Sauron*. Esse tipo de coisas.

— Está incluído na mitologia.

— Isso parece batota.

— Não é — declarou Morrison. — O Gandalf e o Sauron eram Maiar.

— Hã?

— Maiar. Sabe, tipo deuses na mitologia de Tolkien. Ou anjos. Por isso, aplica-se na mesma.

— Superou-me oficialmente em matéria *nerd* — admiti.

Enchi as taças com comida para gato e pousei-as no tapete. Depois bati nas minhas coxas para chamar a atenção dos gatos. Ambos vieram até mim. A *Hera* foi para a sua taça, e o gatinho, sem hesitar, foi para a mais pequena. Não houve discussões por causa da comida. Um bom sinal.

Morrison apontou para o gatinho, que estava agora a mergulhar na comida da sua taça e a ronronar ao mesmo tempo.

— Então aquela é a *Athena*?

— Talvez — concordei. — Mas estava a pensar na *Persephone*. Menos usado. A não ser que seja um macho. Nesse caso, talvez *Apollo*.

— Seja como for, parece perfeitamente disposto a acolher um vadio.

— O gatinho não tem culpa de ser vadio. E foi ele que veio ter comigo, a pedir ajuda.

— Percebeu logo que era um coração mole — brincou Morrison, sorrindo.

— Provavelmente. Ou talvez eu seja melhor com gatos do que com pessoas, e os gatos parecem sabê-lo.

— Isso é a toxoplasmose a falar.

— Tenho a certeza de que é. — Acenei para o frigorífico. — Posso arranjar-lhe uma bebida?

— Estou bem assim, obrigada. — Morrison fez sinal para a cadeira na sala, a que fora a favorita do pai. — Uma poltrona *Eames* autêntica? — perguntou.

— Quer dizer, uma da *Herman Miller* e não apenas uma imitação barata? — Abri o frigorífico para ir buscar uma cerveja.

— Sim, era isso que estava a perguntar.

— Sim. — Peguei numa cerveja (*Michelob Ultra*, não me orgulho) e abri-a. — Uma prenda pelo primeiro aniversário de casamento, da mãe para o pai. Ela sabia que ele sempre quisera ter uma e surpreendeu-o

com esta. Ele sempre disse que era autêntica, não uma imitação, e acreditei nele.

— Por favor, sente-se.

Morrison sentou-se na cadeira e tomou a liberdade de se servir do repousa-pés.

— É autêntica, definitivamente — assegurou, um instante depois.

— Deve sabê-lo melhor do que eu. Essa é a única em que me sentei.

— Não é uma prenda de primeiro aniversário de casamento barata — arriscou Morrison.

— Nunca pensei em quanto custou, simplesmente estive sempre aqui — assumi. — Se bem que, agora que fala nisso, não sei se a minha mãe teria dinheiro para a comprar com o seu salário de higienista oral. Talvez o tio Jake a tenha ajudado.

Morrison concordou com a cabeça.

— O Jake gostava muito da Lizzie — confirmou, mencionando o nome da minha mãe.

— Não parece ter idade para o saber por experiência própria. — Saí da cozinha, de volta à sala. Dirigi-me ao sofá.

— Sei-o pela experiência de o ouvir a contar-me.

— E era um tema frequente de conversa?

— Podia surpreendê-lo.

— Por falar nisso, *como* é que conhece o meu tio? Quero dizer, como é que o conhecia. — Sentei-me no sofá, afundando no meu lugar particular, onde a almofada se deformara de acordo com o meu rabo.

— Eu andava perdida e fui ter com ele, a pedir ajuda — contou Morrison, acenando com a cabeça na direção do gatinho, que ainda estava mergulhado na sua comida.

— De certeza de que há mais do que isso — incitei.

— Há, mas essa é a versão básica.

— Você não é um gato.

— Pois não.

— Então, há muitas formas de uma jovem poder ter pedido ajuda a um homem bastante mais velho. — Bebi mais um gole da cerveja.

Morrison fez uma careta.

— Se é isso que pensa, então não conhece o seu tio muito bem.

— Bem, é essa a questão, não é? Eu *não* sei o que pensar e eu não conheço o meu tio muito bem. Na última vez que estive na mesma divisão que ele, tinha cinco anos. Eu sabia que ele existia, mas, além disso, ele é um completo vazio para mim. E também não parecia ter muito interesse em mim.

— Isso não é bem verdade — interveio Morrison. — O seu tio e o seu pai tiveram uma desavença por causa da morte da sua mãe. O seu pai disse-lhe para se manter afastado da família dele. O seu tio... honrou esse pedido.

— Não sei nada sobre isso — volvi. — Incluindo se é verdade ou não.

— Imagino que o seu pai não falasse muito do seu tio Jake.

— Não falava de todo. Nem bem, nem mal. Bem, exceto sobre a prenda de casamento. — Bebi outro gole,

— As conchas para a fruta — lançou Morrison.

Quase me engasguei.

— Você *sabe* disso?

— Sei — confirmou Morrison. — Foi por volta da altura em que comecei a trabalhar mais de perto com o seu tio.

— Sabe do bilhete que veio com as conchas?

Morrison acenou com a cabeça.

— Sim, sei. Lamento por isso. Eu disse-lhe para não pôr o bilhete. Não me deu ouvidos.

— Foi uma jogada muito parva, fazer uma aposta sobre quanto tempo o meu casamento ia durar.

Morrison apontou para mim em sinal de concordância.

— Foi o que eu lhe disse. O argumento dele foi que você devia saber, para, pelo menos, poder planear com antecedência.

Tossi, ainda a limpar a cerveja da parte superior dos meus pulmões.

— Não me ajudou a planear com antecedência. Eu nem sequer sabia o que significava até estar a tirar as coisas do nosso apartamento e dar com a caixa das conchas.

— Não tinham tirado as conchas da caixa?

— Claro que não tínhamos tirado as conchas da caixa — respondi, irritado. — Onde é que íamos usar conchas para a fruta? Vivíamos num T1 abaixo do rés do chão na Ukrainian Village. Não era propriamente

lugar para entretenimento sofisticado. — Aponte para a cozinha. — Ainda agora estão na caixa. Sem bilhete. Deitei-o fora quando percebi o que significava.

— Lamento — repetiu Morrison.

— O que quero mesmo saber é como é que ele acertou com tanta exatidão. O bilhete dizia «três anos e seis meses», e, três anos e meio depois, lá estava eu, a ir-me embora com as minhas conchas para a fruta.

— O seu tio conhecia as pessoas.

Lancei um olhar suspeito a Morrison.

— Pelos vistos, não bem o suficiente para saber que uma previsão de divórcio pode não ser bem-vinda no dia do casamento de uma pessoa.

— Havia lacunas, sim — concordou Morrison.

— E, de qualquer maneira, *como* é que ele podia conhecer-me? Ou à Jeanine? — A minha boca parecia estranha ao dizer o nome na minha ex-mulher, que eu conhecera na Northwestern e com quem, quando tinha vinte e quatro anos, no altar da Igreja Episcopal de Saint Michael, tinha a certeza de que ia viver o resto da minha vida. Aquilo revelou-se demasiado otimista, e por uma margem considerável.

— Ele estava de olho em si — afirmou Morrison. — Discretamente. À distância. De uma forma que não hostilizasse o seu pai.

— Bem, não parece nada perturbador — comentei. Os meus pulmões tinham acalmado o suficiente para outro gole de cerveja.

— Não era suposto ser perturbador. Como eu disse, a sua mãe significava muito para ele. E ele estava curioso sobre o filho dela.

— Não tão curioso a ponto de vir dizer olá.

— Já lhe expliquei sobre o seu pai.

— Está bem, mas o meu pai já morreu há uns anos.

— Nos últimos anos, tem havido outras razões para ele não ter entrado em contacto.

— É aqui que culpamos as pandemias ou algo do género?

— Essa é uma das razões — concordou Morrison. Ela levantou as pernas do repouso-pés e inclinou-se para a frente na poltrona *Eames*.

— O cancro do pâncreas é outra. Olhe, Charlie, não estou aqui para justificar o seu tio Jake nem para o desculpar. Estou absolutamente disposta a admitir que ele não foi o melhor tio que podia ter sido para si.

Era um ser humano imperfeito nas melhores das alturas, e os últimos anos não foram as melhores das alturas para ele. Lamento que ele seja para si um buraco na memória.

— A culpa não é sua — soltei após um minuto a processar o que ela dissera.

— Pois não, mas o seu tio não está aqui para pedir desculpa, por isso estou a fazê-lo por ele.

— Obrigado.

— De nada. Quaisquer que tenham sido os pecados dele para consigo, uma das últimas coisas que ele fez nesta Terra foi pedir-me para vir aqui. Falar consigo. E pedir-lhe um favor.

— Qual é o favor? — interroguei.

— O seu tio era um homem bem-sucedido financeiramente, mas não tinha família própria — explicou Morrison. — Nunca casou e nunca teve filhos. Os pais dele, os seus avós, morreram antes de você ter nascido. A sua mãe era a única irmã. Ela não teve mais filhos além de si.

— Está a dizer que sou o único familiar dele.

— A não ser que queira contar com um par de primos muito afastados que vivem perto de Leipzig, e o seu tio estava inclinado para não o fazer, então sim.

— Bem, agora quero saber sobre estes primos muito afastados — comentei.

— Ambos são muito estranhos e muito isolados — contou Morrison. — Um coleciona estatuetas *Hummel*. O outro tem dezassete gatos. De momento. O número varia.

Olhei de relance para o que era agora o meu par de gatos, que terminava o seu repasto.

— Não é a melhor semelhança familiar.

— Não se preocupe. Com dois, está longe de se tornar um maluquinho dos gatos.

Aquilo fez-me sorrir.

— Obrigado.

— Uma vez que é o único familiar dele, o seu tio Jake gostaria que o representasse na cerimónia fúnebre, que decorrerá aqui, em Barrington, na Funerária da Família Chesterfield. Conhece o lugar?

— Claro. — Era literalmente a única funerária de Barrington, a poucos quarteirões da casa. Fora o local das cerimónias fúnebres da minha mãe e do meu pai. Suspeitei que Morrison pudesse ter noção disso.

Ela acenou com a cabeça.

— Vai ser este sábado, às três. A sua função é aparecer, dar as boas-vindas aos presentes e aceitar as suas condolências. Depois do velório, tem de estar presente para a cremação. Já está tudo tratado. Tudo o que tem de fazer é estar presente.

— Porquê aqui? — questionei.

— Porquê Barrington?

— Sim. O tio Jake não tem raízes aqui. Quero dizer, a minha mãe não era daqui. Ela cresceu nos arredores de Pittsburgh, por isso presumo que o tio Jake também. Mas, pelo menos, ela viveu cá. O tio Jake nem isso. E, a acreditar nos relatórios da CNBC, ele é rico. Não apenas rico segundo os padrões de Barrington, mas, tipo, *verdadeiramente* rico. Com milhares de milhões. Rico, do género «ele podia ter uma cerimónia fúnebre numa catedral enorme com milhares de pessoas presentes».

Morrison sorriu.

— Ele saiu-se bem.

— Vê, isso é o que as pessoas *mesmo* ricas dizem. — Aponte para Morrison. — Ou o que a sua equipa diz no lugar deles. Não leve a mal.

— Não levei. O seu tio tinha as suas razões para querer a cerimónia aqui — assegurou Morrison. — Uma delas é o sentimentalismo. Ele queria que fosse no mesmo sítio da cerimónia da irmã. Ele disse que lhe ia dar uma sensação de encerramento com ela. A outra é que, por muito rico que o seu tio fosse, não era extravagante. Não do modo tradicional. Ele consideraria uma grande cerimónia fúnebre um desperdício de dinheiro.

— Ele não tem amigos?

Morrison abanou a cabeça.

— Nem por isso. Havia pouca gente de quem gostasse, e havia pouca gente que gostasse dele.

— E *você*? Gostava dele? — perguntei.

— Sim — assumiu Morrison. — Mas eu tinha uma grande tolerância para com as suas peculiaridades.

Sorri com a resposta.

— Foi uma forma engenhosa de responder.

— *Nem* faz ideia. Em todo o caso, muito poucos marcarão presença na cerimónia fúnebre.

— Bem, a funerária daqui é pequena, por isso calha bem.

— Além do mais, segundo sei, a funerária fez-lhe um bom desconto por juntar o velório à cremação.

Ainda bem que não tinha cerveja na boca ao ouvir aquela.

— Ele não está a planear levar o dinheiro todo com ele? — indaguei, sarcástico.

— Não, ele tinha outras coisas em que queria gastar o seu dinheiro — assegurou Morrison. — O que nos leva à questão da sua compensação.

— Ah. Faça este favor ao meu falecido tio e depois você dá-me o que ele me deixou.

— Sim, o acordo é esse.

Foi aqui que bebi outro gole, a ganhar um momento para organizar os pensamentos.

— Isso parece-me quase insuportavelmente cínico — atirei, depois de engolir.

Morrison concordou.

— Compreendo. Talvez possa pensar nas coisas assim: ao longo de toda a sua vida, foi dito ao seu tio Jake que se mantivesse afastado. Isto será a compensação por tudo o que podia ter existido entre vocês em todo esse tempo. Tirando as conchas para a fruta.

— Está bem. Então, o que é que o meu tio Jake propõe dar-me pelo meu tempo?

Morrison acenou para toda a casa.

— Isto.

Olhei em redor.

— Esta já é a minha casa.

— Pertence à propriedade do seu pai, que você partilha com os seus três irmãos, e eles querem-no fora para poderem deitar mão ao seu valor. O seu tio sabia do acordo de ocupação no testamento do seu pai e também sabia que você já esteve perto de não conseguir cumprir esse acordo. Embora a culpa não tenha sido sua.

Franzi o sobrolho.

— Como é que ele o sabia?

— Já lhe disse que ele estava de olho em si.

— Isso é ainda mais perturbador agora do que antes.

Morrison ignorou o comentário.

— Se o fizer pelo seu tio, então uma das empresas mais discretas dele fará uma oferta privada pela sua casa ao administrador da herança, por mais do que o valor atual de mercado. Pode surpreender os seus irmãos ao concordar com a oferta e ao ficar com a sua quarta parte da venda. Depois, assim que a venda estiver concluída, a empresa irá vendê-la de volta a si por um valor muito mais baixo, um valor que você consegue facilmente pagar, e cobrirá os impostos que se acumularão ao vender abaixo do valor de mercado. Será completamente sua, e não terá de voltar a chatear os seus irmãos. Isso e, no fim, receberá um pagamento em numerário adicional. Uns milhões. Não muito, mas o suficiente para lhe dar algumas opções para o que fazer a seguir.

Pensei num mundo em que «uns milhões» não era «muito» e decidi deixar isso de lado temporariamente.

— E isto vai ficar por escrito — lancei a Morrison.

— Claro, se assim quiser — assegurou ela, divertida. — Porquê? Não confia no seu tio, Charlie?

— Eu não conheço o meu tio — lembrei-a. — Não conhecia, quero dizer.

— Garanto-lhe que, se ele quisesse a sua casa, havia formas menos complicadas de a conseguir do que morrer primeiro. É uma casa em Barrington ao estilo Cape Cod. Não são propriamente raras.

— Tem noção de quando é rude? Ou isso sai-lhe naturalmente?

— Não o estou a dizer para ser rude — assegurou-me Morrison. — É só que, se não houver problema, gostaria de não me desviar do assunto.

— O que é que acontece se eu disser que não? — questionei. — A representar a família na cerimónia fúnebre, quero dizer.

— Bem, não vou ao colecionador de estatuetas *Hummel* a seguir, se é isso que está a perguntar — respondeu Morrison. Encolheu os ombros. — Se você não o fizer, então suponho que o pessoal da funerária tratará disso.

— E você? Vai estar lá?

— O seu tio pediu-me que tratasse de outras coisas por ele durante a cerimónia — explicou Morrison. — Já tivemos a nossa despedida.

Houve um miado aos meus pés. A *Hera* tinha-se aproximado e queria colo. Pousei a lata de cerveja na mesa de centro e dei umas palmadinhas na minha perna. A *Hera* saltou e, depois de procurar a melhor posição, deitou-se.

— Ela gosta de si — comentou Morrison enquanto eu fazia festas à minha gata.

— Eu disse-lhe que era melhor com gatos do que com pessoas.

— Parece estar a sair-se bem comigo.

— Você não tem de viver comigo — argumentei.

— É justo. — Morrison olhou para o relógio de pulso. — Por falar nisso, tenho de ir indo. Então, vai representar o seu tio na cerimónia?

Pensei naquilo.

— Parece-me estranho fazê-lo — assumi. — Representar alguém que não conheço só porque era irmão da minha mãe.

— Então pense nisso como uma gentileza para com um estranho — sugeriu Morrison. — Um estranho que não tem mais ninguém que o faça.

Pensei nisso dessa forma e, pelo mais breve instante, senti-me mal pelo meu tio multimilionário que, aparentemente, não tinha mais ninguém que o fizesse.

— Está bem — concordei. — Isso eu posso fazer.

— Ainda bem — reagiu Morrison, levantando-se e fazendo-me sinal com a mão de imediato. — Não se levante. A sua gata acabou de se pôr confortável.

— Então o que faço agora?

— Vou ligar hoje para a Chesterfield e informá-los de que devem contar consigo. Eu tenho o seu número; mais tarde, envio-lhe uma mensagem com os pormenores. Se quiser ligar ou passar lá antes da cerimónia, para receber instruções, tudo bem; caso contrário, eles vão pô-lo ao corrente das coisas quando chegar no sábado. Apareça um pouco antes da hora. — Ela olhou para o meu fato. — O que está a usar agora deve servir. Se bem que...

— Se bem que o quê?

— Talvez deva procurar por sapatos melhores. — Sorriu, acenando a mim e à minha gata com a cabeça. Depois saiu sozinha antes de eu conseguir dizer mais alguma coisa.